

À SOMBRA DO TAMARINDO: MEMÓRIA E NATUREZA EM DOIS POEMAS DE AUGUSTO DOS ANJOS

Deize Mara Fonseca (Mestre em Teoria Literária - UFRJ)

*"Não me incomoda esse último abandono
Se a carne individual hoje apodrece,
Amanhã, como Cristo, reaparece
Na universalidade do carbono!"
Augusto dos Anjos*

Augusto dos Anjos é um poeta de múltiplas faces e interpretações. A singularidade de sua obra permite-nos, portanto, um vasto campo investigativo. Destas várias faces, talvez uma das menos discutidas seja a de poeta telúrico, dedicado à interpretações muito particulares da natureza, sempre ligadas à infância, dialogando com a decadência econômica familiar a partir da República Velha. Nessas reminiscências, há uma permanência constante: o pé de tamarindo do Engenho do Pau D'Arco, hoje município de Sapé, na Paraíba, onde nasceu o poeta e onde viveu boa parte de sua curta, embora intensa, existência.

Nascido em 1884, Augusto foi testemunha e vítima da decadência da economia rural nordestina, baseada no cultivo da cana de açúcar em engenhos primitivos, na transição entre os séculos XIX e XX. Às transformações políticas e sociais da época somaram-se também transformações no ambiente. A economia rural escravista foi gradativamente perdendo espaço para o capitalismo, o que, embora significasse progresso, não serviu para aplacar a miséria já existente na região.

Ao frequentar o curso de Direito em Recife, Augusto dos Anjos trava conhecimento com teorias filosóficas de caráter científico, as quais, combinadas com sua vivência da derrocada do meio rural, marcarão profundamente a sua poesia. Como diz Ferreira Gullar em seu ensaio "Augusto dos Anjos ou Vida e Morte Nordestina": "O Nordeste de Augusto dos Anjos não conhecia nem as conquistas científicas nem os avanços sociais e econômicos

contras os quais surgiram aquelas filosofias. No entanto, na dialética da cultura dependente, elas se tornam, para o poeta, a expressão do desmoronamento do seu mundo pré-industrial. “ (Gullar, 1978:15).

Nesse contexto, situa-se a poesia de Augusto como um inventário muito particular sobre um momento de transformações importantes na sociedade brasileira, uma poesia que já traz si traços da modernidade que se afirmaria algumas décadas mais tarde. A modernidade de Augusto, inscrita no tratamento muito peculiar dado à linguagem, também se estabelece em uma certa visão de mundo, que percebe a memória como um elemento contestatório do presente, e, ao mesmo tempo, depositário do futuro. Francisco Foot Hardman, ao analisar o caráter “antitropicalista” da poesia de Augusto, afirma que “poderíamos reler *Eu* no sentido de certo anarquismo que crê materialisticamente na dissipação da matéria em seus vários estados como fundamento da metamorfose permanente e da libertação metafísica dos corpos inanimados, dos seres vivos e das convenções sociais.” (Hardman, 2007)

A partir daí, podemos situar alguns poemas de Augusto como interpretações sobre a relação entre o papel da natureza e o ambiente decadente que ele percebia em Pau d'Arco. A visão de Augusto da natureza, não é, porém, uma visão de exaltação ou de deslumbramento, tão comum em vários momentos da Literatura Brasileira: é, sobretudo, uma visão que apresenta a consciência da degradação à sua volta, mas que, ao mesmo tempo, identifica em um elemento particular da Natureza – o pé de tamarindo – uma possibilidade de permanência; ou seja: para Augusto, em meio a um ambiente em deterioração, a Natureza, representada pelo tamarindo, situa-se como guardião da memória.

Vejamus como isso acontece, na leitura de dois de seus poemas: “Debaixo do Tamarindo” e “Vozes da Morte”.

Debaixo do Tamarindo

No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei bilhões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!

Hoje, esta árvore, de amplos agasalhos,
Guarda, como uma caixa derradeira,
O passado da Flora Brasileira
E a paleontologia dos Carvalhos!

Quando pararem todos os relógios
De minha vida e a voz dos necrológios
Gritar nos noticiários que eu morri,

Voltando à pátria da homogeneidade,
Abraçada com a própria Eternidade
A minha sombra há de ficar aqui!

O soneto reúne alguns elementos constantemente discutidos na poesia de Augusto: a reminiscência da casa e da morte do pai, palavras que causam estranhamento, como “inexorabilíssimo” e “paleontologia”. Na verdade, trata-se de uma combinação genial de simbiose entre a natureza e o ciclo da vida, do qual a morte é parte integrante e necessária.

A morte do pai confunde-se/compara-se com uma vela fúnebre acesa, ou seja, uma vigília constante e lamentosa, cujo trabalho, porém, é inevitável (inexorabilíssimo), por fazer parte de um sistema maior. O pai configura-se como uma presença na ausência.

A árvore guarda, mesmo na morte, um aspecto de aconchego e consolo. A natureza é inventário e caixão, princípio e fim. O grande achado é o verso “paleontologia dos Carvalhos”

– a história da família é analisável como um fóssil, ao mesmo tempo acabada e eterna (o nome completo do poeta é Augusto Carvalho Rodrigues dos Anjos). A memória é guardada pela Natureza: torna-se parte dela, absorve-a e forma um novo universo, no qual a trajetória pessoal e a história social se completam.

Os tercetos falam também do tempo. Os relógios da vida pararão, e haverá gritos. Mas o poeta voltará a terra, à Natureza, onde há a Eternidade, e mais que isso: a homogeneidade.

A morte é a grande igualadora dos seres e das lembranças, a sombra do poeta se igualará à sombra da árvore, e ambos permanecerão através dos tempos.

Passemos agora à leitura do outro poema:

Vozes da Morte

Agora, sim! Vamos morrer, reunidos,
Tamarindo de minha desventura,
Tu, com o envelhecimento da nervura,
Eu, com o envelhecimento dos tecidos!

Ah! Esta noite é a noite dos Vencidos!
E a podridão, meu velho! E essa futura
Ultrafatalidade de ossatura,
A que nos acharemos reduzidos!
Não morrerão, porém, tuas sementes!
E assim, para o Futuro, em diferentes
Florestas, vales, selvas, glebas, trilhos,

Na multiplicidade dos teus ramos,
Pelo muito que em vida nos amamos,
Depois da morte inda teremos filhos!

O poeta convida a Natureza, personificada na figura do tamarindo, a morrer com ele. É preciso entender, porém, qual o significado da Morte na poética de Augusto dos Anjos. Para ele, a morte não é um aniquilamento, mas sim um processo de transformação, um fenômeno descrito até mesmo com um processo físico-químico, mas que se afirma, antes de tudo, como transmutação da matéria. Portanto, o convite ao tamarindo é o convite para uma aventura transformadora. O poeta iguala-se ao tamarindo: os tecidos de seu corpo são iguais às fibras da árvore. Na natureza, todos os seres se equivalem.

É importante também ressaltar aí a presença da noite e seus mistérios. Na poética de Augusto dos Anjos, a noite é o grande palco das revelações e das transformações, o lugar onde se afirmam todas as possibilidades. A podridão é vista como uma fatalidade, mas, curiosamente, traz o futuro. A citação de “ossatura” remete novamente à ideia de transformação física: a carne e a seiva se tornarão ossos. Não há, portanto, espaço para a finitude, mas sim para a modificação.

Os tercetos finais coroam a ideia de transmutação e permanência: o tamarindo é fértil, deixará sementes que se espalharão por toda a Natureza: florestas, vales, selvas, glebas, trilhos. Toda a Natureza é palco para a perpetuação da vida e para a celebração da memória. Mais ainda: poeta e árvore fundem-se em um único ente, que se perpetuará pelos tempos, deixando uma prole. O poema, a despeito do nome aparentemente fúnebre, é, na verdade, uma celebração da continuidade da vida e da união com a Natureza, tratada pelo poeta não como um simples objeto de contemplação, mas como uma força telúrica, capaz de perpetuar suas

emoções e suas lembranças e de ser testemunha do futuro, ou seja, a residência da memória do poeta.

A leitura dos poemas nos permite estabelecer a importância da força telúrica transformadora que a Natureza assume na poesia de Augusto dos Anjos. É uma poesia que apresenta a Natureza de forma visceral, que permite a interação crítica e o diálogo com o elemento humano.

Percebemos que, de forma poética, ambos poemas discutem a morte como uma fase do ciclo da vida em que há uma transformação dinâmica, na qual a Natureza, na figura do tamarindo, afigura-se como palco da memória.

E Augusto, de fato, alcançou a permanência. Os 125 anos de nascimento do poeta foram comemorados no dia 20 de abril de 2009. Em 2006, foi inaugurado em Pau d'Arco, hoje município de Sapé, o Memorial Augusto dos Anjos. Em um imóvel oriundo da restauração das ruínas da casa da ama de leite do poeta, estão reunidos no acervo a primeira edição do livro *Eu*, cópias de cartas, documentos e produções literárias e cinematográficas inspiradas na obra do escritor. Lá encontra-se também, ainda hoje, o pé de tamarindo, lembrança viva de um de nossos maiores poetas.

Referências Bibliográficas

ANJOS, Augusto dos. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

FITTIPALDI, Eliane. "Asas da Permanência". In *Revista Discutindo Literatura*. Ano 2, n.8. São Paulo: Editora Escala, pp.48-53

GULLAR, Ferreira. "Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina". In: ANJOS, Augusto dos. *Toda a poesia; com um estudo crítico de Ferreira Gullar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. pp.14-59.

HARDMAN, Francisco Foot. "Augusto dos Anjos e o "anti-tropicalismo" In *Portuguese Studies*. Spring, 2007. Disponível em http://findarticles.com/p/articles/mi_6748/is_1_23/ai_n28437193/?tag=content;coll . Data de acesso: 30 de março de 2009.

HELENA, Lucia. *A Cosmo-agonia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977